

Escolarização do aluno surdo no Ensino Regular do Município do Rio de Janeiro

O Surdo e sua trajetória no Ensino Regular: uma experiência bilíngüe do Município do Rio de Janeiro

Mônica Astuto Lopes Martins¹

Na condição de pessoa surda e professora da rede municipal de educação do Rio de Janeiro, possuo inúmeros relatos referentes à trajetória do aluno surdo no ensino regular.

No que diz respeito ao que verificamos nos dias de hoje quanto à importância da educação de surdos no Município do Rio de Janeiro, venho tratar da mobilização no entorno do novo paradigma bilíngüe.

Esses alunos teriam acesso a alguma abordagem que envolvesse a língua de sinais no espaço escolar. É válido lembrar que, na rede municipal do Rio de Janeiro, o Programa de Educação Bilíngüe passou por um processo de longos estudos, pesquisas, cursos de aprofundamento e por projetos com caráter experimental. Algumas escolas municipais das diferentes Coordenadorias Regionais de Educação (CREs), isto é, em algumas regiões (3ª, 6ª e 8ª CRE), tornaram-se espaços de produção das práxis em que se buscava analisar e pesquisar a viabilidade do processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo.

Um outro aspecto relevante trata dos projetos experimentais de bilingüismo desenvolvidos a partir de 1998. Num primeiro momento, houve acompanhamento e orientação da equipe de supervisoras do Instituto Helena Antipoff (IHA) – Centro de Referência de Educação Especial do Município do RJ –, e em outro, do grupo específico de surdez, ambos buscando novos estudos e reflexões sobre a prática pedagógica.

Fui um dos instrumentos na participação desse processo, atuando como professora surda, regente de uma classe especial de alunos surdos que estava inserida no projeto, naquela época.

¹ Professora e Pedagoga do Município do Rio de Janeiro – Instituto Helena Antipoff (IHA). Mestranda em Educação pela UNIMEP-SP. Professora responsável pela disciplina de LIBRAS no curso de Pós-Graduação da parceria ISERJ/INES. Professora do Curso Normal Superior do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro – ISERJ/FAETEC. Email: monastuto@ig.com.br

Mas a minha performance como professora surda na rede municipal ocorreu anteriormente, em 1994, quando os obstáculos eram maiores. Houve impedimentos durante o meu processo de admissão (perícia médica, posse, etc). Justamente naquele ano é que foi sancionada a primeira Lei de reserva de vagas (Lei n.º 2.111/94), nos concursos da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro. Foi essa Lei que permitiu a minha admissão e a constituição dos meus direitos como cidadã e como profissional. Após a minha posse como primeira professora surda, fui encaminhada para trabalhar com alunos surdos, nas diversas modalidades de atendimento: salas de recursos, tanto como apoio pedagógico a alunos surdos integrados, como para as práticas das línguas de sinais/conversação e como professora regente em classe especial. Não havia ainda uma mobilização real no uso da língua de sinais em nível de filosofia educacional; a maioria das escolas municipais baseava-se num paradigma oralista.

As dificuldades e limitações que o surdo carrega durante o seu processo de escolarização não devem ser vistas como deficiência, e sim mais como um obstáculo a ser vencido, com o uso e a valorização da língua de sinais durante seu aprendizado para então acessar à língua portuguesa como sua segunda língua. Tal ação reconhece o aluno surdo como um sujeito com identidade própria ou a se constituir nas interações pessoais e interlocuções que terá, contribuindo para o seu desenvolvimento pleno e uma auto-estima positiva.

Como afirmam os autores Góes (1999), Quadros (1997), Lacerda (2000), entre outros, o que vemos na realidade é que uma grande parte dos surdos são atingidos pelo atraso na aquisição da língua/linguagem, apresentando assim um insatisfatório desempenho lingüístico. Isso é muitas vezes provocado pela falta de interações sociais, ocorridas nas trocas e relações com o outro, situação essa na qual o surdo é vitimado, pois, se a língua é um fato social como afirmam Bakhtin e Vygotsky, as trocas dialógicas e as situações por ele vivenciadas são importantes e dão o *pontapé* inicial na aquisição dessa mesma língua.

Bakhtin (1988) afirma que a língua só se constrói através das situações dialógicas e nos aspectos históricos e culturais contidos em seus interlocutores, em que muitas das vezes os signos assumem diferentes sentidos, de acordo com o contexto em que vivemos e as situações em que ocorre a interlocução.

A orientação dada aos professores da rede municipal é não dispensar um tratamento homogeneizado aos alunos surdos durante as suas práticas e nem anular a formação de suas identidades. Isto é justificado porque na rede municipal há dez CREs com 1.084 escolas, dentre as quais apenas algumas (aproximadamente de duas a dez escolas) em cada CRE estão inseridas no Programa de Educação Bilíngüe. O atendimento aos alunos incluídos na rede regular de ensino acontece nas classes especiais bilíngües, nas salas de recursos e com professor itinerante, nos horários vespertino e noturno, e no PEJA².

Quando os alunos surdos são matriculados nas escolas da rede municipal, procura-se verificar as dificuldades inicialmente apresentadas como acesso à fonte (local

2 Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA)

ideal) para atender às necessidades sociopsicolingüísticas, além de pressupostamente desenvolver material e metodologia diferente para o ensino e aprendizagem de duas línguas no contexto escolar do surdo. Não podemos deixar de destacar que muitos chegam à escola sem nenhuma língua ou desconhecem-na totalmente. Também é importante assinalar as dificuldades de aperfeiçoamento por parte dos professores envolvidos no programa bilíngüe.

O novo paradigma de bilingüismo na rede municipal é algo mais que o uso e o domínio de duas línguas: é um grande passo para a oposição dos discursos, dos estereótipos e para a ruptura com as práticas hegemônicas, repetitivas e/ou mecânicas. É o reconhecimento dos esforços e da diferença da subjetividade (sujeito) do aluno surdo. Um novo olhar sobre a surdez, a linguagem e as práticas pedagógicas.

“A surdez é não uma questão biológica e sim uma retórica social, histórica e cultural” (Skliar, 1999, p.18), isto é, está relacionada aos discursos existentes entre os professores de surdos, aos preconceitos da sociedade, à auto-imagem e à imagem passada pela educação de surdos pelo Município do Rio de Janeiro.

Este é um momento em que os alunos surdos da rede municipal estão construindo a sua referência e definindo a sua representatividade e identidade, quando são chamados a se exporem como alunos surdos do município. Algumas escolas-pólos (que fazem parte do programa bilíngüe) municipais estão adquirindo denominações e sinais em LIBRAS, criados pelos próprios alunos surdos ou ex-alunos.

Para possibilitar que os professores e também os alunos jovens e as crianças surdas tenham um maior conhecimento e uso da língua de sinais, é preciso terem contato com membros de uma comunidade surda, que é um *“local de gestação da política da identidade surda”* (Perlin, 1998, p.69); ou que se crie um espaço onde possam vivenciar um intenso clima de *polinização* (Sacks, 1998) da língua de sinais. Com esse objetivo, em 2005 foi criado o Laboratório de LIBRAS no Instituto Helena Antipoff - Maracanã, logo após a implantação do Programa de Educação Bilíngüe na rede municipal do Rio de Janeiro.

Foi quando me requisitaram para trabalhar no Centro de Referência, juntamente com outra professora e intérprete de LIBRAS, em atividades ligadas à proficiência da língua de sinais. Esse atendimento era realizado em dois turnos, com grupos diferentes de alunos e professores, objetivando assegurar a integração da LIBRAS no espaço escolar, para garantir a compreensão, comunicação e transmissão de conteúdos pedagógicos, numa mediação de valores psicossocioculturais. Também havia o interesse de incentivar as trocas entre alunos e professores intra-CREs, além de favorecer estudos e pesquisas sobre os modos de constituição e aprendizagem da Língua de Sinais por eles.

É importante lembrar que o Laboratório de LIBRAS não é só um curso de língua de sinais com propósito de certificar alunos, e sim um espaço de vivências, atividades e oficinas para o autoconhecimento e aprimoramento lingüístico entre os participantes, que em sua maioria são professores da rede ou profissionais de outras áreas ligadas à surdez. Também é um espaço que proporciona oportunidade de contato com ex-alunos surdos do Município do Rio de Janeiro.

Os participantes nesse Laboratório de LIBRAS experimentam de forma ativa, não sendo apenas meros espectadores, receptáculos de informações ou repetidores de sinais. Tornam-se investigadores, questionadores, desenvolvendo suas habilidades de raciocínio e percepção visual, na compreensão e entendimento das nuances que perpassam os movimentos da língua de sinais, durante a dialogia praticada.

O contato do aluno surdo com as manifestações culturais é muito importante dentro da sua trajetória escolar, na aquisição de conhecimentos e conteúdos. E é necessário que o seja de forma socializada entre eles e entre os ouvintes também.

Perlin (1998, p. 24) afirma que, “*caso contrário, sua experiência vai torná-lo um sujeito sem possibilidades de auto-identificar como diferente e como surdo*”. Não é eliminando ou reduzindo conteúdo, mas trabalhando a qualidade e a forma como se ensina a esses alunos o que hoje as escolas municipais do Programa de Educação Bilíngüe se empenham em realizar.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.
- LACERDA, Cristina B.; GÓES, Maria Cecília Rafael de (Orgs.). *Surdez, processos educativos e subjetividade*. São Paulo: Editora Lovise, 2000.
- PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- QUADROS, Ronice Müller de. *Educação de Surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1997.
- SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SKLIAR, Carlos (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- _____. (Org.). *Atualidade da educação bilíngüe para surdos*. Porto Alegre: Editora Mediação, v. 2, 1999.